

Memorial para 6ª BIA

“The first condition of design is to know what we have to do; to know what we have to do is to have had an idea; and to express this idea we must have principles and a form, that is, grammar and language.”

Eugène Viollet-le-Duc

I

O homem tem na cidade sua referência mais profunda e sua expressão mais poderosa. Mas nossa relação com o ambiente construído tem se alterado ao longo do tempo, especialmente após a Revolução Industrial - quando quantidade tornou-se qualidade (Argan, 2001). A cidade antiga tinha em suas manifestações artísticas e na arquitetura em especial – síntese das artes, o objetivo de representar valores culturais – éticos e religiosos, e assim estabelecer uma identidade com seus habitantes. A cidade moderna afastou-se do homem por não representar mais sua humanidade e tê-la substituído, preferencialmente, por interesses econômico-financeiros, e, incansavelmente, afirmar o contrário.

A cidade é um objeto complexo, extremamente heterogêneo. Temos, entretanto, a sensação de que ela é uniforme, ou, pelo menos, coerente. A cidade é paradoxal. Camada após camada ela se sedimenta. Nós a olhamos e nos sentimos a margem. Mas sempre podemos nos reencontrar em suas camadas. Algo de nós está ali, mas não está. Existe um combate nas entrelinhas de sua expressão formal. As coisas na cidade precisam ser viáveis, e seus recortes nos dizem o contrário.

O valor da posse da terra só se viabiliza se sua ocupação obedecer a um fator multiplicador. As corporações de mercado da construção civil encontraram na verticalização a grande solução para seus problemas quanto à liquidez financeira dos empreendimentos. As torres de apartamentos ou escritórios tem sido uma fonte de lucros aparentemente inesgotável, com um denominador comum cada vez menor. Mas seria

possível resolver os dois lados da equação? Estaríamos preparados para viabilizar um empreendimento em que valores culturais fossem respeitados, que pudessem se tornar uma referência para os habitantes da cidade moderna? O edifício linear é a imagem da produção em série, repetitiva, intérprete da média estatística. O homem não é considerado do ponto de vista de suas necessidades mais profundas – valores éticos, sociais, culturais; a coisa se resume ao lucro. O edifício linear é projetado para famílias que possam assumir uma determinada prestação mensal. Sua forma básica é visível em todos os quadrantes da cidade – um paralelepípedo vazado revestido com uma linguagem considerada convincente, invólucro ideal para que famílias possam criar seu espaço quando se tornarem proprietárias de sua fração serial. Alcançado o patamar de proprietários, lançam marcas em seu território, colocam, por exemplo, uma plantinha na varanda, uma reprodução de um artista famoso na parede da sala de jantar, mudam a cor de algumas paredes, e, sempre que possível, esquecem o entorno carregado de prédios estereotipados e repetitivos. Mas não é isso, não é só isso. É justamente aquele o espaço em que nos reconhecemos, essencial e fútil, marcas de nossa força e trivialidades, nossas humanidades. O homem é complexo, heterogêneo, contraditório. Seu horizonte é futuro.

Mas, o alcance do edifício vai além da denominada arquitetura de interiores (o que seria a arquitetura de exteriores? – Lina Bo Bardi), sua forma pertence à cidade. O sentido de concebê-lo como escultura (Tadao Ando) tem como objetivo lançá-lo ao alcance da sociedade - seu sentido mais amplo. Poucos se propuseram a esse objetivo; uma das razões que fundamentam a arquitetura como evento de exceção. Raros são os projetos que contribuem para a valorização de nossa identidade, elo de ligação entre o homem e suas obras – nesse *objeto de trabalho coletivo que deveria ser a cidade*. (Argan).

Nossa cidade inventou o homem forasteiro, exilado em sua terra natal. Ele não investe em sua relação de vizinhança. Circula pela cidade para ir ao trabalho, muitas vezes cobrindo distâncias consideráveis. Quando volta mergulha no aconchego de sua bolha existencial recortada. A cidade não é vivenciada, é rito de passagem, fluxo contínuo

inconsciente, pátio de deslocamentos apressados, personagens fugazes ocultos sob os vidros pretos dos carros que parecem nos dizer: não queremos ver nem ser vistos. Criamos um espaço que pertence a todos e a ninguém, ao mesmo tempo. A cidade é absurda, seu discurso é racional. Gostaríamos de propor que o edifício represente a contradição dos valores fundamentais da produção em série, pela sua forma, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, reforce a tendência afirmando sua possibilidade de ser produzido em série. Pretendemos, com essa atitude, contrapor nossas conquistas tecnológicas à nossa miséria social. Estamos propondo um projeto que contemple a diversidade mediante espaços extremamente particularizados, concebidos para indivíduos além da escala social, que se agrupam por afinidades além das financeiras, e que tenham em comum o interesse de racionalizar seu *modus-vivendi*, reduzindo distâncias, desafogando nossa cidade congestionada, poluída, desrespeitada, ao mesmo tempo nosso valor mais profundo. Torres gêmeas que manifestem, na sua condição de singularidade, a possibilidade de expandir o conceito do que é arquitetura, mediante espaços inusuais – por não possibilitarem as mesmas margens de lucro do edifício linear, ainda que possam representar melhor, do nosso ponto de vista, o que significa escolher a cidade como forma de vida, o que significa este ser biológico denominado homem. Com a forma buscamos aproximar, buscar maior aderência entre o usuário e seu abrigo, entre este e seu lugar de trabalho.

Mas como lançar essas idéias, como expressá-las através da arquitetura? Como começar? Entendemos que não existe um começo. Apenas, deliberadamente, fazemos uma marca em nosso campo em branco, a qual, simbolicamente, vem a ser o início, mas é segmento e mais nada. Nossa concepção de projeto foi baseada no sensível. Sua viabilidade técnica possui aderência à forma apenas porque durante o processo de projeto materiais e sistemas foram considerados enquanto possibilidades viáveis de execução. Não temos fórmulas ou diagramas que justifiquem nosso resultado formal, mas uma intenção primordial – romper com o edifício linear, conduzida pela experiência prática da forma através do desenho, empiricamente. Nesse processo de investigação, partimos da estrutura formal do edifício, desenhada à mão. Concluída esta etapa buscamos ferramentas adequadas para a dedução dos planos bidimensionais, tridimensionais. Elas

foram encontradas no ambiente da informática. Utilizamos o Autocad como ferramenta de projeto. Com uma forma multifacetada, não ortogonal, porém simétrica, fez-se necessária a definição de seções horizontais e verticais. O problema foi resolvido com uma maquete eletrônica fatiada com rigor. A conversão de arquivos 3D - eficientes para modelagem, para o AutoCad - software com domínio em comandos de precisão, viabilizou o processo de projeto.

“Procuro formas de conceitualizar o espaço que coloquem o sujeito numa relação deslocada, pois não irá encontrar referências iconográficas às formas tradicionais de organização. Foi o que sempre tentei fazer – obrigar o sujeito a reconceitualizar a arquitetura”.(EISENMAN, 1996).

Nosso objetivo, na presente proposta, é a arquitetura que possibilite novas discussões sobre o ambiente construído, que investigue novas soluções através da associação de programas e suas possibilidades de viabilização. Avaliar o comportamento de um programa – reflexo potencial do homem, no contexto de uma nova forma. Até que ponto a estrutura formal de um projeto pode ou deve interferir no arranjo das funções, ou ainda, o quanto podem ser abstratos os espaços – indissociáveis, em nossa proposta, da solução plástica, na mesma medida que divergem da linguagem das fachadas exigidas pelo marketing da especulação imobiliária?

“Monuments are human landmarks which men have created as symbols for their own ideals, for their aims and for their actions. They are intended to outlive the period which originated them...they form a link between the past and the future.”

GIDEON(1944)

A forma representa uma cultura. Em certa medida, a expressão material de um edifício, influente em larga escala porque pode ser apreendido por uma gama de indivíduos que ultrapassa os proprietários e usuários mais diretos – e nesse sentido todo edifício é uma obra pública, vai além das funções que abriga, já que estas, muitas vezes, podem ser flexibilizadas – um galpão pode tornar-se uma galeria de arte ou uma

biblioteca, as chaminés de um complexo fabril podem ser preservadas como ícones de uma época, uma estação ferroviária pode ser adaptada às funções de um teatro, enfim, as ruínas da Acrópole grega, destituídas de sua função ritual, consolidaram-se como local de peregrinação pelo encanto de sua estrutura formal e pelo significado histórico sedimentado. Quando se argumenta – isto é apenas forma, apenas estética, significa que os aspectos acima abordados, que tem alcance coletivo, são risíveis e podem ser relegados a um segundo plano; com isto desprezamos o significado cultural profundo da cidade e suas conseqüências sobre a auto-estima de cada um de nós.

II

A cidade é um objeto complexo. São características da sua complexidade a ausência de projeto, a heterogeneidade, e, fundamentalmente, a descontinuidade. A cidade é descontínua sob diversos pontos de vista (considerando-se a arquitetura e o desenho urbano): **técnicas construtivas e tecnologia da construção** – constrói-se com base em tecnologias avançadas, como o concreto de alto desempenho, aço, pré-fabricados, painéis, edifício inteligentes, ao lado de autoconstrução e favelas; **concepção arquitetônica** – as soluções plásticas e funcionais representam, de forma equivocada, estágios emblemáticos de épocas distantes, encontrando no ecletismo cuja produção mais aceita, além de estereótipos da arquitetura moderna, ou soluções que a caracterizam como referência sem alcançar suas propostas sociais ou de projeto cultural, e, especialmente, por não se propor à inserção de elementos urbanos (uma arquitetura que esquece a cidade que a precede); **gabaritos de altura** – a construção de edifícios nas mais diferentes escalas, encontrando-se, freqüentemente, concentrações de residências térreas e sobrados, cercados ou atravessados por torres de escritórios ou apartamentos; **espaço público** – não existe uma cultura que valorize o espaço público, salvo raríssimas exceções (como alguns parques públicos, por exemplo), é notável que as obras da administração pública sejam voltadas para o transporte (carros, ônibus, táxis, lotação, caminhões), entendendo a cidade como um feixe de transmissão, apenas; questões como paisagismo, passeio público, segurança, salubridade, são tratados de

forma extremamente sumária. Basta caminhar algumas quadras em um bairro qualquer para se deparar com questões gritantes de acessibilidade – o deficiente físico, visual, o idoso, uma mãe com um carrinho de bebê, são desconsiderados.

Quais seriam, então, as condicionantes dos projetos de arquitetura, na prática? A concepção não está entre elas, muito menos a perspectiva histórica. Ao contrário, as aspirações do usuário freqüentemente determinam a solução plástica, sua relação com o espaço público – via de regra evitada. As implantações deixam sempre muito claro a distinção entre o público e o privado. O espaço público é o caos, lugar de passagem, ação transitória; o privado é o *status-quo*. Salvo honrosas exceções, a produção arquitetônica é condicionada, primeiramente, por questões econômico-financeiras – custo do lote, preço por metro quadrado da construção, características do terreno, tendências de mercado, leis de zoneamento, código de edificações, entre outras. O valor de projeto é geralmente desconsiderado. A grande maioria considera o dinheiro gasto com projeto à margem de uma relação custo-benefício. O projeto é geralmente visto como dispendioso e dispensável – mesmo que represente 2% ou 3% do custo da obra.

Com base nessas considerações podemos considerar que cerca de 95% da produção arquitetônica é alienada e alienante. São edifícios com solução plástica que contemplam a estabilidade, a coordenação modular, a coerência mercadológica. Embora essas questões sejam observadas pontualmente, só contribuem para exacerbar a descontinuidade do ambiente construído. Ao mesmo tempo, nos sentimos tentados a acrescentar que é a repetição que caracteriza a cidade. A cidade é contraditória. A arquitetura é multifacetada.

“Criação requer que os habitats de pensamento sejam desterritorializados, cuidadosamente. Nós devemos lembrar que qualquer ato de desterritorialização ocorre a partir de um lugar particular. Assim como todo hábito tem um habitat.” Menser, 1997, in Radical Reconstruction, Lebbeus Woods.